

Stadium

N.º 55 / 22 de Dezembro de 1943



ATLETICO-BELENENSES

José Pedro chegou tarde para dificultar a defesa a sócio de Armando Jorge

(foto Nunes d'Almeida)

1\$50

A II Divisão Nacional

EMITIMOS já a nossa opinião de conjunto acerca da estrutura do campeonato nacional da II Divisão. É a mesma dos outros anos. Apenas há de novo a possibilidade de entrada de nova associação regional, no caso do vencedor da prova pertencer à associação que não faça parte do grupo das «oito», que detém ainda, nesta época, o exclusivo da I Divisão. É realmente pouco como expressão de progresso para o futebol.

No resto, que é no final quasi tudo, continua-se na mesma — com a preocupação do número, em contraposição com o valor dos concorrentes. A fórmula subsiste, pois, na íntegra — muitos clubes, ainda que sejam fracos. E o sistema a adoptar deveria talvez residir na fórmula oposta — poucos, mas bons. De modo geral, entram no torneio oitenta e tal clubes. A movimentação promovida por tão elevado número de concorrentes alarga-se a todo o país, com excepção dos distritos de Bragança e Guarda. Mas o campeão de Vila Real mantém-se no mesmo sítio — à espera da luta nas séries, e outros movimentam-se apenas na repetição dos campeonatos regionais, sempre com os mesmos clubes e com perspectivas quasi idénticas, sem despertar o interesse do público, e muito menor o seu entusiasmo.

O torneio divide-se, fundamentalmente, e como de costume, em competição preliminar e torneio de apuramento final. O grosso da coluna, quanto ao número de concorrentes, não passa dos preliminares. Fica por aí — em despesas e em contacto com grupos de melhor nível de jogo. A fase do interesse começa no torneio de apuramento final, com eliminação sucessiva, até dar dois clubes em cada um dos grupos A, B e C. Os vencedores das sub-séries do Alentejo (Beja e Évora) e Algarve (Faro) marcam passo, nessa altura, pois ficam isentos. Os oitavos de final movimentam, pois, 16 clubes. Tanto os quartos de final, como as meias finais, disputam-se dentro de zonas, e grandes regiões. Se se fizesse uma «poule», a duas voltas, com os oito clubes dos quartos de final, o torneio ganhava, sem dúvida, mais emoção.

Chegamos, assim, à fórmula dos poucos, mas bons. A II Divisão só corresponderá à sua missão, como pretexto de movimentação e progresso para os clubes do segundo plano, e como defesa para a descida para os clubes da I Divisão, quando tiver o mesmo número de equipas concorrentes. Actualmente, um clube que, no grupo dos «oito», perca um campeonato regional, fica numa situação de contraste flagrante — em escassês de receitas. Com a II Divisão formada pelo mesmo número de clubes, não haveria grande prejuízo. Teria mesmo receitas. Mas o desnível seria muito menor, comparado com o que lhe pode suceder agora. Supomos, por tudo isto, que deve valer a pena tentar a experiência,

NOTAS & COMENTÁRIOS

A União Velocípédica Portuguesa completou, na semana passada, 44 anos de preciosa existência. É a mais antiga das federações portuguesas. Vem de quando o desporto não tinha ainda expansão bastante para justificar um largo movimento federativo. Mas de um tempo em que o ciclismo nacional contava excelentes valores individuais, que brilharam em Portugal e no estrangeiro. Vem dos melhores tempos, em suma. A U. V. P., que passa a ter outra designação a partir de 1 do próximo mês de Janeiro — Federação Portuguesa de Ciclismo — realizou trabalho de grande relevo, na direcção e propagação do ciclismo. Recordando com saudade o seu passado, fazemos votos pelo seu futuro.

CONTINUA a série dos aniversários. O Sporting de Espinho é o clube que segue... Completou 28 anos. Ganhou, neste ano, o campeonato distrital de Aveiro, em futebol, a reatar a tradição dos seus grandes triunfos no popular desporto. E detém um recorde curioso — o da permanência de um indivíduo no lugar de presidente da direcção! Moreira da Costa tem tantos de presidente como os que o Espinho conta de existência! E um dos segredos da sua expansão, mesmo nos momentos de crise.

Ao Espinho, com os nossos parabéns, os desejos de longas prosperidades.

JOAQUIM LEOTE, comodoro efectivo do Clube Naval de Lisboa, é ainda uma figura de destaque, tanto no seu clube, ao qual tem prestado notáveis serviços, como também, entre os clubes adversários. Há pouco tempo, fêz, na «Brigada Naval», uma conferência sobre o remo, que foi e é um excelente trabalho de história e propagação do remo.

Joaquim Leote comemorou há dias as suas «Bodas de Ouro» de actividade desportiva — como praticante e como dirigente. O Clube Naval homenageou-o com um banquete, que decorreu em atmosfera de entusiasmo — e de simpatia e carinho por Joaquim Leote. Registrando o facto com muito prazer, associamo-nos à homenagem prestada.

A nova época de «handball» recomeça na altura própria — com pontualidade que marca o interesse dos clubes e da respectiva associação regional.

Como primeira manifestação temos o «Torneio de Abertura», com a inscrição de oito clubes. Oxalá que decorra com entusiasmo — como boa perspectiva para a nova temporada.

VAI sendo grande a demora na abertura oficial da época de «basketball». Até agora não se tem passado de organizações particulares. Na semana transacta, registou-se até uma iniciativa digna do melhor êxito — a realização de um festival de auxilio à família de António Martins, jogador de «basket» falecido há pouco tempo.

A camaradagem desportista voltou a manifestar-se em termos que a prestigiam. É de ver de todos prestar homenagem aos atletas que desaparecem no turbilhão da vida.

ANO XII — Lisboa, 22 de Dezembro de 1943 — II SÉRIE-N.º 55

STADIUM
REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor
DR. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da
SOCIEDADE REVISTAS GRAFICAS LDA.

Redacção e Administração:
T. CIDADÃO JOÃO GONÇALVES, 19-3.º
Telefone 51146 — LISBOA

Gravura e impressão de NEORAVURA, LTD.
Composição e impressão tipográfica na
GRAFICA SANTELMO — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

«**MARCA**», excelente revista madrileña de desportos, que há um ano passou a diário, festejou recentemente o primeiro aniversário da transformação por que passou, publicando um número comemorativo muito interessante. Para os nossos colegas da «Marca», os três maiores acontecimentos desportivos do ano», foram os seguintes:

— Despedida de Quinceces, 27 vezes internacional em futebol, que chegou a ser considerado o melhor defesa do Mundo, na sua época: a décima quarta vitória conquistada pelo Atlético de Bilbao, no campeonato de Espanha, arrancado com grande beleza desportiva nos últimos minutos do prolongamento, após luta emocionante, como poucas; e a festa de homenagem a Juan Monjardin, que, à custa de energia inesgotável, conseguiu bater Portugal, no Estádio do Lumiar, quando a vitória parecia sorrir à equipa lusitana.

Os três maiores acontecimentos de Espanha tiveram como fulcro de atenção o futebol. E o nome de Portugal não foi esquecido — como valeroso adversário num fogo que a Espanha ia perdendo.

ESTÁ para breve a comemração do centenário do nascimento do professor Luis Monteiro, que foi o introdutor da ginástica em Portugal e a quem se deve a fundação do Gimnásio Clube Português. É uma figura histórica — para nós. A sua acção despertou tanto entusiasmo e tal simpatia que chegou a ser professor da Casa Real. Comemorar o centenário de Luis Monteiro — é prestar justa homenagem a quem desempenhou, na vida portuguesa de há mais de meio século, um papel de notável relevo.

Entre o que se projecta fazer, há a publicação de um livro com opiniões acerca de Luis Monteiro, subscritas por muitos dos seus melhores discípulos.

OS desportos «pobres» encontram por vezes núcleos brilhantes em clubes modestos. É o que, por exemplo, se dá com o «basketball», cuja prática não exige rectângulos tão grandes como os de futebol, nem equipas tão numerosas. O desporto da bola ao cesto tem alguns dos seus melhores núcleos portugueses no Carnide Club, em Lisboa, e no Vasco da Gama, quanto ao Porto.

Estes dois clubes não têm um valor afirmado incidentalmente, pois esse valor resulta em especial do entusiasmo com que fazem escola — e da homogeneidade com que jogam — em anos sucessivos. De quando em quando, escapam-se-lhes alguns jogadores que estiveram preparando cuidadosamente. Nem por isso se lhe quebra o ânimo. Vão-se uns. Formam-se outros! É uma triste sina — mas que dá por vezes excelentes resultados!

OS festivais do torneio de inverno do Estoril Praia, na piscina do Estoril, sucedem-se com regularidade e notável brilho. Os resultados técnicos obtidos superam a melhor expectativa. E servem para revelar um núcleo de natação em pleno desenvolvimento.

A rivalidade Estoril-Algés, no campo desportivo, está produzindo excelente resultado — no que respeita ao trabalho de nadadores e treinadores. O que se está fazendo no Estoril, sob a direcção de Asinhal dos Santos, deve contribuir poderosamente para animar a natação.

TEMOS falado várias vezes na conveniência de cuidar do «boxing» amador. O «boxing» não é um desporto que reveste apenas para profissionais, mas sim um exercício em diferentes aspectos. É pelas suas características que se lhe chama a «nobre-arte» — ou esgrima de punhos. O problema dos amadores não pode ser descuidado.

Vem por isso a propósito registar que esteve em Espanha uma equipa húngara de pugilismo amador, constituída pela selecção representativa de Budapeste. Jogou, em Oviado, contra uma selecção do norte de Espanha. A vitória coube aos húngaros, por 10-6.

BALANÇO GERAL DA ÉPOCA

VII—OS LANÇAMENTOS

por SALAZAR CARREIRA

O exame dos resultados globais do atletismo português mostra, em todos os tempos, que as provas de lançamento são aquelas para as quais os nossos praticantes manifestam menor interesse e inferiores aptidões.

Quer seja pelas características menos dinâmicas do exercício, quer seja por uma questão morfológica, a verdade é que, entre os novos praticantes que se recrutam, os lançadores estão sempre em acentuada minoria, e, por outro lado, os resultados das competições desta categoria ficam invariavelmente muito aquém do valor médio dos corredores e saltadores. No entanto, para que haja um motivo de agrado, diga-se que durante a última temporada foram os lançadores os únicos a afirmar progresso nas suas marcas em relação à época precedente.

O facto devese à subida do valor médio pela revelação ou aperfeiçoamento de novos especialistas, e não à culminância dos «records» dos campeões consagrados; desenha-se na falange de praticantes nitido movimento de renovação que, embora pouco abundante, serviu para estímulo aos antigos e para interesse aos concorrentes.

Neste capítulo, continua sendo o dardo a nossa grande miséria, com dois únicos veteranos — Cadete e Rodrigues — a dominarem, sem necessidade de progresso, um escasso grupo de aprendizes com técnica menos do que rudimentar; para chegarmos a distâncias citáveis sem acanhamento, é indispensável um esforço de ensino metódico e demorado, cuja eficiência apenas será possível em elementos novos, nos quais a aprendizagem seja iniciada sem preocupações de alcance e unicamente com objectivos de estilo antes da idade mínima de admissão às competições.

De entre os praticantes que podemos considerar no ramo ascendente da sua carreira desportiva, destacam-se três nomes em três provas diversas: o lançador de peso Pinto Basto, o discóbolo José Luis Silva e o lançador de martelo Bustorff Ferro.

Pinto Basto ainda não ensaiou o peso regulamentar e, por isso, são prematuros os julgamentos que se façam sobre o seu futuro: atrair cinco quilos não é o mesmo do que projectar sete quilos e meio. No entanto, possui já a experiência de alguns anos, nitida compreensão do estilo e vontade afirmada de conhecer os seus e por que da sua especialidade. Em plano imediato vêm ainda dois juniores com provada habilidade: o portuense Carlos Valente e o académico Jorge Camões.

O «recordman» Emídio Ruivo continua sendo ainda o melhor português, com recursos para ultrapassar o seu máximo; o companheiro de clube Manuel da Silva também melhorará as suas marcas, mas nunca será esta a prova mais favorável para ele.

José Luis Nunes da Silva é um atleta poderoso, hábil e em quem vejo o futuro detentor do «record» nacional do disco. Progrediu imenso no intervalo de inverno e melhor teria conseguido se não tivesse sido impedido de participar nos campeonatos finais. Reputo-o também homem de extraordinários recursos para lançar o martelo, prova em que fará para o ano uma experiência.

Bustorff Ferro guindou-se em estreia à primeira fila dos lançadores de martelo; excelente físico, espírito compreensivo, amor ao trabalho, são condições suficientes para constituir um aval da confiança que lhe dispensamos.

A época foi de despedida para um dos mais notáveis atletas de Portugal, Herculanu Mendes, que é digno, nesta síntese, de duas palavras de homenagem e de saúde; e desportista verdadeiro, pode continuar prestando à modalidade valiosos serviços como instrutor, caso encontre ambiente favorável para desenvolver a sua actividade.

Pouco mais são os nomes a citar: Manuel da Silva, a quem já nos referimos, será sobretudo um especialista de disco e de martelo;

faixa-lhe auto-dominio e flexibilidade, mas a sua exemplar tenacidade de treino há-de conseguir remediar todos os males. Ferreira Monteiro é o único possível lançador de peso que se apercebe entre os aprendizes da temporada; progrediu de braco para concurso e dispõe de excelente conceito e rapidez de projecção, talando-lhe por enquanto toda a técnica, com muitos erros a corrigir.

Entre os novos discóbolos, alcançaram resultados interessantes Miranda Andrade e Lélío Ribeiro, em Lisboa, e Manuel Camões, em Coimbra; são elementos merecedores de atenção, como aliás um principiante que passou despercebido da maioria e no entanto me pareceu muito bem dotado para este exercício: José Proença.

Finalmente, entre os lançadores de dardo, classificaram-se o portuense Ferreira da Silva, o habilidoso Trigo de Mira, Anselmo Pereira, o bracarense Martins Abreu e o caspiano Ludovino Martins — talvez de todos o que mais promete. Mas, do primeiro ao último, persiste o grande problema da aprendizagem do estilo, entre nós ignorado.

*

São campeões em 1943:

Peso — Estreantes — Lisboa, K. Mayer (Bl.), 15^m,94; Pôrto, António Paradinha (Br.), 11^m,95; Coimbra, Pedro Parra (Ac.), 11^m,95. — Principiantes — Lisboa, K. Mayer (Bl.), 15^m,91. — Juniores — Nacional e Lisboa, Plauto Basto (Cl.), 14^m,31 e 13^m,95; Pôrto, G. Alexandry (Ac.), 13^m,84; Coimbra, Jorge Camões (Ac.), 20^m,82. — Universitários, Lisboa, Fernando Ferreira (INEF), 20^m,95. — Corporativos, Nacional, Gomes dos Santos (Pôrto), 17^m,79; Lisboa, Joaquim Franco 12^m,91. — Seniores — Nacional, Emídio Ruivo (Sp.), 12^m,92; Lisboa, K. Mayer (Bl.), 13^m,92; Pôrto, G. Alexandry (Ac.), 11^m,92.

Disco — Estreantes — Lisboa, K. Mayer (Bl.), 31^m,80; Pôrto, José Guilherme (Br.), 27^m,52; Coimbra, Pinheiro Gonçalves (U.), 25^m,89. — Principiantes, Lisboa, K. Mayer (Bl.), 32^m,50. — Juniores — Nacional e Lisboa, José Luis Nunes da Silva (Sp.), 35^m,11 e 33^m,49; Pôrto, G. Alexandry (Ac.), 31^m,55; Coimbra, Manuel Camões (Ac.), 27^m,95. — Universitários, Lisboa, Bustorff Ferro (INEF), 33^m,56. — Corporativo — Nacional, Gomes dos Santos (Pôrto), 30^m,98; Lisboa, Joaquim Franco, 31^m,93. — Seniores — Nacional, Manuel da Silva (Sp.), 35^m,85; Lisboa, José Luis Nunes da Silva (Sp.), 35^m,35; Pôrto, Alexandry (Ac.), 32^m,42.

Dardo — Juniores: Nacional, Anselmo Pereira (Bl.) 44^m,74; Lisboa, José Luis da Nunes Silva (Sp.), 40^m,15; Pôrto, Martins Abreu (Br.), 39^m,09. — Universitários, Lisboa, Miranda Andrade (Cl.), 35^m,82. — Corporativos, Nacional, Correia Cesar (Lisboa), 39^m,10; Lisboa, Francisco Lopes, 37^m,82.

Martelo — Juniores: Pôrto, Valdemar Faria (F.C.P.), 28^m,10; em Lisboa, onde o campeonato da categoria se não disputa, Bustorff Ferro (Bl.) bateu o «record» com a esfera de 5 qts., com 47^m,62. — Seniores: Nacional e Pôrto, Herculanu Mendes (Ac.), com 37^m,85 e 32^m,87; Lisboa, Bustorff Ferro (Bl.), 32^m,66.

*

Lista actualizada dos dez melhores resultados portugueses:

Peso (5 qts.): José Garnel Pinto Junior (Sp.) (senior), 16^m,45; Mário Ferreira dos Santos (Cl.), 15^m,19; Romeu Correia (Alm.) (senior), 15^m,23; Emídio Santos Ruivo (Sp.), 14^m,85; Luis Pinto Basto (Cl.), 14^m,31; Nelson Gomes (Ac.), 14^m,20; Mário Marques Aguiar (Br.), 14^m,11; Armindo Braz (Bel.), 13^m,87; Carlos Valente (F. C. P.), 13^m,84; Anibal Paciência (Sp.), 13^m,76.

Disco (1,257 qts.): Emídio Santos Ruivo (Cl.), 16^m,79, 13^m,49; José Garnel Pinto Junior (Sp.), 13^m,97, 13^m,97; António Cardoso (Cl.), 12^m,97, 12^m,92; Romeu Correia (Alm.), 12^m,49; Alberto Ferreira (F. C. P.), 12^m,22; Mário Santos (Cl.), 12^m,03; Herculanu Mendes (Ac.), 11^m,98; Alvaro da Fonseca (Bl.), 11^m,95; António Peixoto Correia (F. C. P.), 11^m,85; Manuel da Silva (Sp.), 11^m,73.

Dardo: Herculanu Mendes (Ac.), 22-11-96, 43^m,70; António Cardoso (Cl.), 2-6-28, 41^m; José Garnel Pinto Junior (Sp.), 17-4-28, 39^m,12; Emídio Ruivo (Sp.), 38^m,28; Eduardo Vieira (Br.), 35^m,75; Alvaro Fonseca (Cl.), 36^m,97; José Luis Nunes da Silva (Sp.), 36^m,24; António Nunes Marques (Cl.), 36^m,10; Manuel da Silva (Sp.), 35^m,85; António Marques (Br.), 35^m,22.

Martelo: António Cadete Junior (Ac.), 15-8-43, 50^m,98; Tomás de Macedo Saravia (Bl.), 1-8-42, 50^m,48; Manuel Vieira Faria (Sp.), 8-8-37, 50^m,44; José Garnel Pinto Junior (Sp.), 40^m,66; António Rodrigues (Bel.), 40^m,43; António Barreiros Gomes (Bl.), 40^m,12; Adriano Pires (Cl.), 48^m,72; Arsénio Soares (Sp.), 48^m,60; Anibal Paciência (Sp.), 47^m,85; José Joffre Trigo de Mira (Sp.), 47^m,60.

Martelo: Herculanu Mendes (Ac.), 6-8-39, 47^m,37; António Bustorff Ferro (Bl.), 25-8-43, 38^m,88; Manuel da Silva (Sp.), 15-8-43, 37^m,64; Avelino Louca (Sp.), 35^m,26; António Lis Ferreira (Cl.), 35^m; Manuel Ernesto Santos (Mac.), 34^m,37; António Cardoso (Cl.), 33^m,57; António Ferreira Borges (Cl.), 33^m,66; Alberto Ferreira (F. C. P.), 32^m,86; Carlos da Silveira (Cl.), 30^m,31.

O INTERNACIONAL

ganhou com brilhantismo

o campeonato infantil de Lisboa

FOI ganho pelo Clube Internacional de Futebol o campeonato infantil de Lisboa, de 1942-943 — quarto da série iniciada em 1939-940.

A seguir ao Sporting (por duas vezes) e ao Benfica, o velho C. I. F. inscreve o seu nome na lista dos vencedores da interessante competição, depois de uma honrosa classificação (2.º lugar) no anterior campeonato.

É certo que a prova concluída há dias, e cuja característica principal residu na regularidade, foi menos difícil do que as anteriores. Desta vez o número de concorrentes não foi além de cinco, quando antes havia sido, sucessivamente, de nove, nove e dez. Portanto, os futuros «ases» do C. I. F. tiveram menos trabalho.

Isto não impede, porém, que tenhamos de considerar a sua actuação brilhantíssima e a sua vitória plena de justiça. A representação do Internacional, confiada a cinco rapazes que se inscreveram pela primeira vez no A. T. M. L., correspondeu inteiramente à confiança que nela depositavam os dirigentes do clube. A equipa mostrou-se invulgarmente homogênea, evidenciou apreciável superioridade sobre os outros concorrentes, exibiu-se com regularidade impressionante e contou por vitórias os encontros disputados.

Não se poderia exigir mais de José Nuno Palha (7), António F. Forte (8), Viriato Leite (4), António Sampaio (3) e João Branco Pais (2) — as-ím-se chamam os componentes da equipa campeã e de quem se indicam entre parêntesis o número de encontros de que participaram.

A regularidade que citamos acima, está fielmente traduzida com a indicação dos resultados obtidos pela equipa, quer nos encontros disputados em casa, quer nas mesas dos adversários. Assim, o Internacional registou sucessivamente: contra o Sporting, 5-2 e 5-2; contra o Ateneu, 5-3 e 5-3; contra o Benfica, 5-2 e 5-2; e contra o Intendente, 5-0 e 5-0.

É realmente curiosa a coincidência dos resultados absolutamente iguais nas duas voltas, julgamos, até, o facto inédito no ténis de mesa [sboets.

*

Falámos já dos campeões. Mas seria injusto esquecer os restantes concorrentes, que contribuíram de forma decisiva para o interesse da prova.

O Ateneu Comercial de Lisboa ficou em segundo lugar. E foi bom segundo, pois só perdeu duas vezes contra o C. I. F. e uma, reflectindo certo desinteresse, contra o Sporting. Reis foi o melhor dos seis jogadores que os «acelistas» inscreveram.

O Benfica classificou-se em terceiro lugar, revelando também muita regularidade de principio a fim da prova. Quatro vitórias sobre os concorrentes que se lhe seguiram na classificação e quatro derrotas infligidas pelos dois «teams» que o antecederam. Machado destacou-se dos restantes jogadores da equipa.

Depois — o Sporting. Afigura-se-nos que a equipa, quando na posse de todos os seus recursos, é capaz de alcançar outra classificação. O seu melhor jogador — Abraão — na convalescência da fractura de um pé, actuou sempre inferiorizado. Interessante, a desforra dos «leões» contra o Ateneu, que veio a constituir a surpresa da prova.

O S. C. Intendente foi o «lanterna-vermelha». Mas tornou-se digno de elogiosa referência, pelo desportivismo dos seus jogadores, que foram batidos em todos os encontros mas aceitaram os reveses sem o mínimo azedume e conscientes de que só assim se progredia. Frederico foi o melhor da equipa.

TEE TEE

GRUPO CICLO-TURISTA «OS 15»

Refine-se hoje, na sede do Clube Musical União, ao Alto do Pina, a assembléa geral desta colectividade, para eleição de novos corpos gerentes.

Desportos de INVERNO



A quadra é propícia à prática dos desportos de inverno, que têm já certa voga em Portugal, no que respeita ao «sky». E embora o nosso país não seja essencialmente montanhoso, ou batido pelas neves da estação hibernar, é certo que existe um clube de especialidade, o Sky Clube de Portugal, com sede e instalações próprias na serra da Estréla — a majestosa serra que tão bem se presta para estas práticas. Contudo, as gravuras que ilustram esta página não se referem a desportos de inverno no nosso país, mas sim a outro onde a modalidade conhece progressivo desenvolvimento. Trata-se da Hungria, onde existe uma escola de aprendizagem, para crianças e principiantes. Por que não se faz o mesmo por cá?...

Os magiars, povo de índole desportiva, sabem cuidar disto. E podem apontar-se como exemplo as suas organizações, de que damos pálida idéia nesta simples reportagem de uma modalidade das mais cultivadas e em que são mestres: o «sky». Não é a patinagem propriamente dita mas a sensação de beleza, de saúde e de alegria, de vida, enfim, traduzida na prática de um desporto que é útil e serve à toda a gente, apesar de por vezes perigoso e difícil na sua aparente facilidade. E a prova de que é útil e serve à toda a gente está na circunstância de ser praticado por senhoras e crianças, especialmente por estas, como princípio de um objectivo que tem por fim o adestramento visual, a confiança nos recursos próprios e a robustez do corpo, ganha no contacto permanente com o ar puro e saudável das montanhas.

Nesta escola infantil de desporto — chama-se-lhe assim — a mocidade aprende algo que possa servir-lhe para a vida. Desde que o praticante começa a sentir-se só, quer dizer, que já pode deslizar na neve sem o amparo do professor ou o auxílio de companheiros — porque as primeiras lições, claro, são ministradas em conjunto, conforme pode vêr-se pelas gravuras que publicamos.

Mas até lá chegar, há muito que aprender...



A grande preocupação dos povos é o ensino da juventude. As crianças de hoje serão os homens de amanhã, por isso, a necessidade de conduzir o adolecente para a vida, de o guiar, tornando-o apto a enfrentar os obstáculos que se lhe deparam.

Nós temos uma organização do género, a «Mocidade Portuguesa», que muito tem feito nesse sentido — e mais fará ainda. Mas nas outras nações pensa-se e age-se do mesmo modo. São, afinal, coisas afins e comuns a todos os povos: a necessidade de fortalecer a juventude.

Nas montanhas da Hungria cuida-se a sério do problema; dá-se instalação de escolas próprias para a mocidade, nas quais as crianças, divertindo-se, aprendem a ser homens. Há de tudo e cuida-se de tudo. Desde os mais simples pormenores — o estudo do material e a construção do «sky» — é uma base — até à prática eventual da modalidade, mais tarde tornada efectiva, ou por necessidade de ofício ou pelo prazer de respirar o ar puro, no gozo de apertadas férias...

Ali aprende a criança tudo quanto se relacione com esse belo e salutar desporto. Sob as vistas de instrutores especializados, principia por conhecer como se faz um «sky» — aparelho indispensável e que precisa de ser sempre cuidado, pois a deterioração de material pode prejudicar o praticante nas suas excursões através da neve. Depois é necessário saber também como se utiliza; e começa então outro grau de aprendizagem. Primeiro, e em campo próprio — sem ter sequer deslizado ainda... — o aluno adapta o «sky» à bota, afileitando o aparelho como se fôra para uma excursão; depois da aprendizagem teórica segue a prática do desporto que elegem.

Os primeiros passos sobre a neve dá-os a criança sob a vigilância do treinador, sem se afastar do «conjunto» — porque as lições primárias são sempre ministradas em globo. Quando se aventura pela pista, fá-lo ainda na companhia de «cadetes», ou sejam os instrutores mais antiços; finalmente chega a altura de dispensar ajudas — às vezes é bom não confiar demasiado... — e então lá vai, sozinho, pela pista fora! As quedas, a maneira de as dar, as travagens bruscas e as mudanças de direcção, que foram objecto de aturado estudo, têm nessa altura aplicação em recinto apropriado... Começa o divertimento — e o martírio também, porque custa muito chegar-se a «ás»...

Mas quando se chega — é a alegria do triunfo, a satisfação íntima de ter vencido todos os obstáculos, a consciência plena de que se tem valimento. Assim se fazem os campeões de «sky», nesta escola da Hungria, que pode apontar-se como exemplo.

A dificuldade não parece ser tão grande como à primeira vista se afigura! Querer é poder — eis o lema por que nos telam as suas actividades aqueles que na vida pretendem ser úteis a si e aos outros. O Sky Clube de Portugal, de que António Lopes é o mais fiel servidor e dos mais acérrimos propagandistas dos benefícios dos desportos da neve, podia muito bem criar na serra da Estréla uma escola do género, ponto de partida para tanta coisa interessante que podis fazer-se...

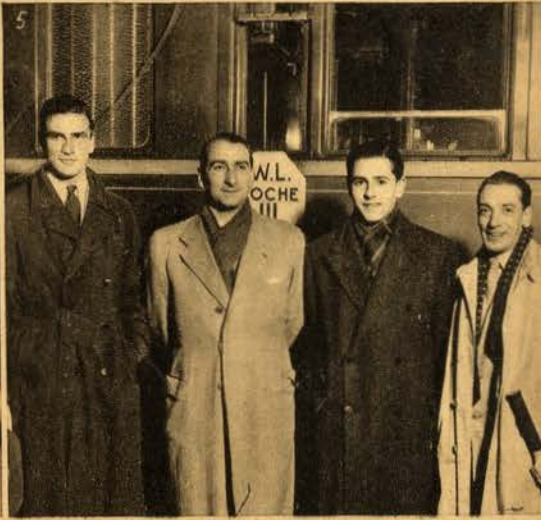


A semana ATRAVÉS DA OBJECTIVA



40 ANOS DE TRABALHO PELO DESPORTO: 1 — Joaquim Leote, figura brilhante da velha guarda e comodoro do Clube Naval de Lisboa, no jantar de homenagem que lhe foi oferecido há dias. A HOMENAGEM POSTUMA A ANTÓNIO MARTINS — Os grupos que tomaram parte no serão de "basket" do Ateneu; as equipas do Sporting e do Ateneu (2), que disputaram a taça "Nita Martins"; os "teams" do Benfica e do Carnide (3), que jogaram para a taça "Gratidão"; e os veteranos do Sporting e do Ateneu (4), que se defrontaram para disputa da taça "António Martins". TENISTAS EM VIAGEM: 5 — A partida da equipa portuguesa que foi tomar parte no torneio de Barcelona, da qual fazem parte V. Horta e Costa, do Porto, e F. Frade e J. Silva, de Lisboa, e que seguiu acompanhada de J. Serra e Maura

(Fotos C. Madeira)



O PAI NATAL

Este ano não hesita!

Tem bicicletas «Flecha» — modelos especiais para crianças — e patins «Glória e Polar», para pôr nas chaminés...



Stand FLECHA * LARGO do INTENDENTE

F.C. do PORTO e SPORTING

ACOMPANHAM O ATLETICO No 1.º lugar da Classificação



VITÓRIA (S.) F. C. PORTO: Coinidência curiosa: como se encontram junto da baliza os avançados dos dois antagonistas
(foto J. Manique)



BENFICA-VITÓRIA (G.): Machado defende e esquivava a entrada de Teixeira
(foto C. Madeira)



ATLETICO-BELENENSES: Feliciano, na sua desafortunada intervenção, desviou a bola de tal maneira que Salvador não pode evitar o 2.º ponto dos alcantarenses
(foto Nunes d'Almeida)



ATLETICO-BELENENSES: Para cada jogador belenense houve sempre dois adversários. Veja-se a dificuldade em que se encontra Eloi...
(fotos Nunes d'Almeida)



BENFICA-VITÓRIA (G.) Machado está batido. Gonçalves eleva a conta final para 5-1
(foto C. Madeira)



ATLETICO-BELENENSES: Esta fotografia — não necessita de legenda! Fala por si.
(foto Nunes d'Almeida)



ATLETICO-BELENENSES: Como entrou o "goal", do empate, marcado por Mário Coelho. Note-se o mau lançamento de A. Jorge

O NOSSO ANIVERSÁRIO

TIRO AO ALVO DOIS TORNEIOS

promovidos pelo ATENEU COMERCIAL
DE LISBOA e C. A. CAMPO DE OURIQUE

COM motivo no nosso aniversário — mais um ano de desinteressado trabalho em prol da causa da Educação Física e do Desporto — temos recebido inenquadradas demonstrações de simpatia. Devemos destacar momentaneamente as amáveis palavras que nos dirigiram colegas da Imprensa, em manifestação de amizade e camaradagem deversas grata ao nosso espírito.

Também recebemos inúmeros cartões de felicitação remetidos por leitores. A todos queremos manifestar a nossa profunda gratidão, sem excepções. E se a todos nós fazemos referência — a falta de espaço com que lutamos permanentemente não permite dar a lista pernumerada de nomes, como desejaríamos — isto não significa que deixasse de calar profundamente no nosso ánimo quanto representam as boas palavras que nos endereçaram, as quais procuraremos continuar a corresponder com o nosso desejo de bem servir.

Nas referências ao banquete de confraternização, efectuado na noite de 21, no Avenida Palace, e ao qual a Imprensa diária aludiu pormenorizadamente, destaca-se, em especial, a notícia do «Diário Popular», da tarde seguinte, na qual, com o título sugestivo de Uma dádiva da revista «Stadium» para a Casa dos Vendedores de Jornais, diz o seguinte:

«Todos os desportistas que fazem a magnífica publicação ilustrada que é a revista «Stadium» se retiraram ontem, em volta do seu director, dr. Guilhermino de Matos, num jantar de confraternização, a comemorar a passagem do primeiro ano da nova fase daquella semanário. Mas, gentilmente, não quiseram ficar sós e, dirigindo vários convites especiais, fazendo-se acompanhar pelo sr. dr. José Pontes, presidente do C. O. P., e Mário de Noronha, esgrimista da melhor categoria olimpica e vencedor da C. M. L., e dos redactores desportivos dos jornais diários, transformaram a reunião numa festa de camaradagem entre os jornalistas desportivos.

O dr. José Pontes relembrou como teve começo o jornalismo desportivo, que elle impôs há quarenta e um anos, e, como o presidente do C. O. P., conversaram o director da «Stadium», Avelar Machado, o jornalista «gentleman» que chefiou a redacção da revista, Tavares da Silva, dr. Salazar Carreira e Mário de Noronha.

A revista «Stadium» quis, porém, juntar mais uma demonstração, das muitas dadas na sua curta carreira, da sua perfeita integração nas coisas do jornalismo e teve uma deferencia para o «Diário Popular» que muito nos desvanecia. Não tendo sido reclamados alguns prémios de interesse interessante como «O 9.º jornal», que desejou o mais completo êxito. O nosso camarada Ricardo Ornelas agradeceu a gentileza e proximamente, quando a entrega se fizer, nos acrescentaremos tudo que nos move, no nosso reconhecimento, de apreço à magnifica revista, à qual desejamos muitas prosperidades.

O «Diário de Notícias», que na aludida festa esteve representado pelo nosso amigo Rebelo da Silva, redactor daquella jornal, disse, em determinada altura da sua noticia:

A todos aquella publicação desportiva reitua num jantar a que foram associados os srs. dr. José Pontes e Mário de Noronha e representantes dos jornais diários da capital, rodando a festa num agradável e muito amistoso convívio de jornalistas desportivos.

Tavares da Silva, bom amigo e excelente camarada, escreveu no «Diário de Lisboa»:

«Stadium» completou um ano de publicação nesta sua nova fase. Regojando-se com o facto, que, na verdade, alguma coisa representa, os seus dirigentes convidaram para um jantar de confraternização, não só os seus colaboradores, como os redactores da especialidade dos jornais diários e outros cronistas desportivos. O acto transformou-se, pela força das afirmações pronuzidas e pelo vinco espiritual que unia todos os presentes, numa bella festa de jornalistas desportivos que, tendo como fulcro a «Stadium», irradiou em proporções mais vastas. Como é de calcular, falou-se muito da missão da Imprensa desportiva e do critico da especialidade, salientando-se que neste jornalismo há uma especie de «mística» que nunca perde ser posta de parte.

Acêrca do discurso pronunciado pelo dr. José Pontes, estremo propagandista dos desportos, o nosso colega «O Século» referiu-se-lhe nos seguintes termos:

...exaltou o valor do jornalismo desportivo e os benefícios que tem prestado à causa da educação física e da beneficência e recordou alguns factos da sua vida jornalística, ao serviço do desporto, há quarenta anos.

Também a «República» se nos referiu nos

melhores termos, terminando a sua noticia com a seguinte afirmação:

...a simpática festa de confraternização decorreu no melhor ambiente de camaradagem e alegria.

Outras referências ainda:
De «Os Rídiculos»:

Festejou o primeiro aniversário da sua nova série a interessante revista «Stadium», que tem podido contar, por merecimento próprio, com a mais decidida simpatia do público desportivo.

Do «Sport Lisboa e Benfica»:

...que tem um escolhido lote de colaboradores, entre os quais se contam alguns dos melhores valores da especialidade, conseguiu firmar o seu nome mercê de uma orientação cuidada e de uma irrepreensível linha de conduta, que lhe tem grangeado inúmeros simpatizantes.

De «O Comércio do Porto»:

...«Stadium» organizou e publicou um número valioso e interessantissimo. Com abundantes gravuras, colaboração oportuna e apropriada, este número merece a atenção dos desportistas.

De «O Primeiro de Janeiro», do Porto:

«STADIUM» — Passou mais um aniversário esta excelente revista desportiva, que se publica em Lisboa. A todo o seu corpo redactorial, os nossos cumprimentos.

Do «Jornal de Notícias», também do Porto.

Realizou-se, ontem, um almoço de confraternização comemorativo do primeiro aniversário da apreciada revista «Stadium», o qual decorreu alegremente. Presidiu o nosso amigo e colega Mário Afonso, seu representante nesta cidade, e assistiram muitos dos seus colaboradores entre os quais Mário Dias, Eduardo Soares, Luis Marcolino, José de Magalhães, Hermann Vitorino, etc. A. P., e brindes, Mário Afonso referindo-se ao aniversário da revista, saudou o seu director e colaboradores, terminando a festa no meio da melhor camaradagem desportiva.

Na sua habitual secção «Ecos & Factos», o nosso colega «Os Sports» fez-nos referência nos seguintes termos, que transcrevemos na integra:

Não somos de guardar reservas por factos insignificantes que podem ocorrer nesta labuta jornalística de todos os dias. Achamos mesmo que é pouco elegante e indício de inferioridade mental conservar inerte resentimentos por meras banalidades. Só os espiritos mal cultivados transformam episodios correntes em tragedias.

Por isso, não fazemos esforço nenhum — antes nos referimos ao acontecimento com grande prazer — em notificar que a revista «Stadium» festejou, no n.º 53, de 8 do corrente, mais um aniversário, o primeiro da nova série.

Para solemnizar o acontecimento, «Stadium» publicou um número especial, em que reservou duas páginas para inserir as caricaturas de todos quanto nela trabalham e entre os quais se salientam os nossos activos e permanentes colaboradores Dr. Salazar Carreira, Reinaldo Monteiro, Diamantino Dias e Jorge Monteiro.

Ao seu illustre director, dr. Guilhermino de Matos, apresentamos sinceros parabéns, acompanhando-os de votos pelas prosperidades da publicação que orienta.

A todos, repetimos, enviamos a expressão do nosso bem sincero reconhecimento.

O nosso amigo dr. José Pontes, espírito sempre moço e cujo entusiasmo não cansa na propagação da ideia desportiva, levou a sua amabilidade ao ponto de nos enviar também um telegrama de felicitações — por si e pelo Comité Olímpico Português, do qual é illustre presidente — escrevendo-nos ainda uma carta, em que diz:

Agradeço, com um abraço forte, a gentileza do convite para a linda festa da «Stadium»; passei três horas magnificas, entre antigos e novos camaradas, todos empenhados na exaltação de uma obra comum e no aplauso ao trabalho...

Tiveram a amabilidade de nos enviar também felicitações a Associação Portuguesa dos Amadores de Bilhar, Associação Portuguesa de Hockey em Campo, Gimnásio Clube Português, Clube de Futebol «Os Belenenses» — agradecendo também a reportagem que fizemos há pouco sobre a actividade do popular clube, Clube Internacional de Futebol e Clube Atlético de Campo de Ourique, e os srs. commandante Henrique dos Santos Tenreiro, da Brigada Naval, Carlos Rebelo da Silva, dr. Karel Pott, Manuel da Silva Lopes e Pierre Charles.

ESTÁ no auge o tiro reduzido, modalidade desportiva que, de dia para dia, arregaça maior numero de praticantes. A legião dos seus adeptos aumenta sempre, sintoma, afinal, de que os desportos do tiro — principalmente nesta modalidade — têm interesse. Succedem-se os torneios do genero, em sequencia que é a mais firme demonstração de que as campanhas de propaganda, levadas a efeito através do país, têm produzido benéfico resultado. São já em numero considerável as colectividades que mantem em plena acção as suas carreiras — todas elas com frequência animadora. Podiam citar-se aqui os nomes de algumas que muito têm contribuído para a expansão deste genero de desporto entre nós, mas não vale a pena, porque todas ellas trabalham por igual e com o mesmo objectivo. Portanto, todas são dignas de aplauso.

A frequência de provas mantem actividade animadora, com iniciativas do mais vasto alcance. Os torneios individuais e entre clubes disputam-se quasi semanalmente. E então de há dois ou três anos a esta parte — essas competições aumentaram, à medida que aumenta o interesse pela modalidade.

Está em curso uma prova, na carreira «dr. António Martins» — que foi o campeão do tiro de guerra — promovida pelo Ateneu Commercial e de homenagem ao sr. João Pereira da Rosa, illustre director do «Século» e sócio dedicado daquella clube. Esta prova, que tem o honravel nome de homenagem, disputa-se pela sexta vez.

O Campo de Ourique vai também fazer disputar um torneio do genero, sendo assim — conforme se diz em nota que nos foi enviada — ao encontro do desejo manifestado por inumeros praticantes do tiro reduzido que, por várias razões, não têm querido ou podido participar em torneios, talvez por descreza nas suas possibilidades.

Estas duas competições (as provas: «João Pereira da Rosa», do Ateneu Commercial, e «António Martins», do Campo de Ourique) são interessantes manifestações de actividade, que se completam e têm o mesmo fim: a propagação do desporto. E qualquer delas — uma porque está já em curso e outra porque vai disputar-se — merecem apontamento especial.

Na prova «João Pereira da Rosa» — com carabina de calibre 22, que não possua gatilho de cabelo nem chapa de colco articulada — há duas modalidades: prova individual (de 15 tiros, em séries de 5, executados seguidamente, com ensaio, em alvo especial, até 10 tiros) e prova colectiva (de 10 tiros, em duas séries de 5, executados seguidamente). O alvo é o circular de 10 zonas, com 50 cms. de diametro por 20 cms. de visual. E a posição é a regulamentar (deitado) à distancia de 50 metros. Marcação e calepinação feita tiro a tiro, com o tempo máximo de 25 minutos para individuais e de 20 para a prova de conjunto. Os desempates são feitos de acordo com o maior numero de balas acertadas no alvo, na visual e nas zonas. A taça «João Pereira da Rosa» é atribuída ao clube que consiga triunfar duas vezes seguidas ou três alternadas, mas a miniatura do troféu é sempre ganha pelo vencedor individual. Há ainda outros prémios: medalhas de «evermel», com palhinhas, aos componentes das equipas classificadas nos dois primeiros lugares; de prata, à 3.ª equipa; de cobre aos da 4.ª e 5.ª; medalhas de «evermel» aos 2.º, 3.º e 4.º individuais; de prata do 4.º ao 8.º; e de cobre, do 9.º ao 15.º.

A prova do Campo de Ourique é mais simples e destina-se somente aos atiradores, de ambos os sexos, que nunca tenham tomado parte em quaisquer competições similares. É bem um torneio para iniciados...

Disputa-se a 10 tiros, com o de ensaio, na posição regulamentar (deitado), à distancia de 10 metros, tendo por alvo o circular de 10 zonas de 9,8 cms. de diametro por 9,4 cms. de visual. A arma usada é a carabina de calibre 22, que não tenha gatilho de cabelo, dioptrio ou «pomeau». Marcação, classificações e desempates serão feitos pelo processo usual, já mencionado na prova «João Pereira da Rosa». Haverá os prémios seguintes: taça de prata ao vencedor individual e taça «António Martins» para a primeira equipa classificada; medalha de «evermel» ao 2.º; de prata, ao 3.º; prateadas, do 4.º ao 10.º; e de cobre, do 11.º até o último; taças de prata às equipas 2.ª e 3.ª; medalhas douradas e prateadas, respectivamente, para os componentes das equipas classificadas em 4.º, 5.º e 6.º lugares.

O torneio do Campo de Ourique — com objectivos especiais de propaganda e captação de novos adeptos do tiro reduzido — começa a disputar-se no dia 3 de Janeiro, na carreira «Henrique José da Ponte», privativa do clube.

A nossa gentil colaboradora que se oculta sob o pseudónimo de Anabela justifica o ausência ao banquete de confraternização com motivos imperiosos de saúde e enviou-nos um telegrama de saudação a todos os camaradas da «Stadium».

Da delegação de «Stadium» no Porto — camaradas fiéis, sempre presentes no nosso espírito — também se associaram à festa do Avenida Palace, endereçando-nos um telegrama de saudações, assinado por Mário Afonso, Eduardo Soares, Mário Dias, Hermann Vitorino e José de Magalhães.

Muitos dos nossos solícitos correspondentes aproveitaram a circunstância para nos desejar igualmente prosperidades. Entre elles, o sr. Maximiliano Andrade Rato, de Portalegre, aproveitou a circunstância de se encontrar de passagem pela capital para nos dar o prazer da sua visita e apresentar os seus cumprimentos, gentileza que muito agradecemos.

TODOS os desportos e jogos de competição, até mesmo a ginástica, podem dar origem a acidentes, desde os mais benignos até os mais graves, bem como a estados patológicos que requerem atentos cuidados.

Luxações, fracturas, contusões, ferimentos, etc., são factos correntes nas arenas, nas pranchas e nas pistas. É frequente ouvir-se dizer a um desportista: «dei um jeito na perna», ou «torci este braço», e, ainda, «arranjei uma quebradura», atribuindo os seus males, e relacionando-os com ela, à prática de um exercício físico.

Como é óbvio, o jogo do sôco é um alôbro de acidentes. Desporto violento, ou que facilmente se torna violento, o «boxing» deixa marcados os que o praticarem com regularidade e empenho. Por esse facto, achamos oportuno passar, aqui, em revista, os principais acidentes ou lesões, não só para conhecimento do público como dos jogadores, treinadores e auxiliares.

Não daremos à exposição que vai seguir-se ordenação determinada. Apenas nos preocupar a frequência e gravidade dos sofrimentos, não entrando em pormenores científicos nem, tampouco, na análise dos tratamentos.

Dizem Braine e Ravina, na *Presse Médicale*, de 10 de outubro de 1923, ao falarem dos traumatismos peculiares do pugilismo:

«Contrariamente ao que se pensa, as lesões do homem que bate são mais graves e causam maiores aborrecimentos, em geral, do que as do indivíduo atingido por elas.» Estas lesões são as fracturas dos ossos da mão.

Poderemos identificar o jogo do sôco com as quebraduras dos metacarpos e as fracturas dos ossos e cartilagens do nariz.

Em regra, a cabeça e o corpo do metacarpo, dos dedos polegares e dos dedos indicadores

Lesões frequentes no jogo do sôco

CRÔNICA DE RAFAEL BARRADAS

são frequentemente sacrificadas. São muito raros os pugilistas que tenham os ossos da mão inteiros e sólidos. Até certo ponto, o emprêgo das ligaduras, enroladas judiciosamente, reduz consideravelmente o perigo das fracturas. O endurecimento prévio das mãos é uma técnica complicada, cujos resultados verdadeiros são ainda mal conhecidos.

O nariz é outro ponto sensível e normalmente atingido. As cartilagens internas, submetidas a percussões frequentes, quer laterais quer directas, podem soltar-se dos pontos de implantação óssea onde se acham inseridas. A cartilagem de separação, que forma o pilar sustentador da parte cartilaginosa do nariz, sob a acção de um golpe violento, achata-se. Os ossos, igualmente, fracturam-se com frequência. Em certos casos, essas fracturas originam a compressão dos cornetos e surgem complicações, tais como a falsa asma e a coriza espasmódica. O sentido do olfato atenua-se, enfraquecendo, aparecem perturbações oculares nervosas e ainda nevralgias nasais exacerbadas pelo frio (Maurice Boigey).

O remédio para tais sofrimentos está em evitar a causa, como diria... o amigo Banana. Mais propriamente, a ciência da esgrima dos punhos consegue subtrair os pontos fracos do organismo à violência dos golpes, reduzindo-se, assim, as probabilidades dos acidentes.

O ouvido e, dêste, o pavilhão da orelha, é outro órgão exposto aos traumatismos e contusões.

É do conhecimento da maioria dos nossos

leitores a orelha *couve-flôr*, dos homens da luta e do *boxing*. É característica. O pavilhão, torcido e disforme, tem o aspecto desagradável de um aleijão. Como a pele é macia e fina naquêle lugar, descola-se do elemento cartilaginoso sob a acção de repetidos traumatismos, formando-se um hematoma que faz desaparecer as circunvalações e sinuosidades.

A membrana do tímpano pode rasgar-se por efeito de um sôco violento que atinja o pavilhão. O aumento brusco de pressão, de fora para dentro, é a origem do acidente, que pode levar à surdez ou, pelo menos, ao entraqecimento da audição.

A região ocular é particularmente sensível, também. Não os olhos, porque as lvas grossas e arredondadas os protegem, mas a arcada supraciliar, que defende o órgão da vista, acha-se exposta. Embora pareçam graves, as feridas neste local não têm muita importância. Estanca-se o sangue deitando na ferida, com um conta-gotas, alguns pingos de uma solução de cloreto de adrenalina, a um por mil (*Safety in Athletics*, Lloyd, Deaver e Eastwood).

Na face, as contusões mais graves são as dos lábios e da língua. O uso de um protector de borracha reduz consideravelmente a importância dessas lesões. No entanto, se as feridas dos lábios sangrarem sem interrupção e sem possibilidades de serem estancadas, impõe-se a interrupção do combate.

Nêste breve resumo se denota que o pugilismo traz consigo bastantes contrariedades e seus defeitos. Quer os profissionais, quer os amadores, devem ter isso presente no seu espirito, lembrando-se também de que uma insinificante lesão pode redundar em grave moléstia. A consulta de um médico, feita a tempo — é sempre da maior utilidade.

OITO MESES DE CICLISMO EM 1943

Balanço de uma época pouco lisongeira

TERMINOU oficialmente em 15 de Novembro a época de corridas de 1943. Queir dizer que até 15 de Março do próximo ano só serão permitidas, entre nós, competições de pista, «cross» ou provas de regularidade.

Assim acabou mais um temporada de corridas, igual a tantas outras que a velha U. V. P. orientou tecnicamente desde 1901. E assim se chegou ao momento de fazer o tradicional balanço...

Uma simples análise retrospectiva à actividade ciclista dêsse periodo de oito meses — o tempo que durem a época de 1943 — demonstra que, infelizmente, o ciclismo português não teve um «bom ano», quer sob o ponto de vista tecnico e atlético, quer sob o aspecto própria-mente desportivo.

Foi melhorado apenas um «récord» — o da prova de campeonato — quando em 1942 haviam sido batidos três: 170 quilómetros, 100 quilómetros contra relógio e Porto-Lisboa. Não houve revelações nem tampouco surgiu qualquer desconhecido que mostrasse ter estôfo para se guindar à categoria de «as». O movimento, no conjunto, acusa menos 8 corridas que em 1942.

No ano passado houve 19 provas para independentes, 7 oficiais e 12 particulares. Na época que findou apenas se disputaram 6 corridas da U. V. P. e 5 de organização privada.

A que pode atribuir-se semelhante quebra de actividade e tão pobres resultados técnicos? A má orientação ou desinteligencia entre entidades directivas? A carência de material necessário aos corredores? Ao número relativamente reduzido de praticantes?

Julgamos sinceramente que não são êstes os únicos «casos» que contribuíram para o pouco mérito da época ciclista concluída há pouco. Esse reduzido mérito deve-se, na quasi totalidade, às circunstâncias do momento que atravessamos — e até à simples consequência dessas circunstâncias.

Houve, incontestavelmente, falhas na orientação global do ciclismo. Verificaram-se também alguns lapsos absolutamente evitáveis. No entanto, já em outras épocas se verificaram tais deficiências — e nem por isso a velocidade deixou de progredir.

Este ano surgiu uma série de factos que, tendo-se desenhado já em periodos anteriores, atingiram agora o seu ponto culminante. E a

consequência dessa acumulação de males não se fez esperar. Explicamo-nos

O ciclismo não é modalidade desportiva que dê lucros, pelo menos na maioria das suas manifestações. Vive de meia dúzia de apaixonados constantes e do esforço de outros, de carácter adventício, criados pelo entusiasmo provocado mercê de organizações singulares. Também se verifica por vezes certa entreajuda, filha do interesse suscitado por estímulos de ocasião e rivalidades excepcionais.

Como em Portugal não predomina ainda — nem sabemos se chegará a predominar — a idéia vulgarizada em outros países de ser o ciclismo, sem dúvida, das modalidades que melhor servem a propaganda de qualquer manifestação de actividade regional, desportiva ou festiva; como nos últimos anos não tem havido organizações de vulto como foram a «Volta a Portugal», o «Grande Premio Olympique», o Circuito Internacional, o Circuito da Beira, etc., corridas que galvanizavam o publico, fomentando entusiasmo que redondava em carinho pela modalidade; como nos últimos tempos não têm aparecido elementos de valor, que espemem as simpatias populares, fazendo-as entrechocar apaixonadamente — recordem-se os casos de Nicolau-Trindade, César-Marquês e Felipe-Aguiar da Cunha; e como sucedeu ainda não ter havido regiões orgulhosas de possuir ciclistas de nomeada, nas quais sempre aparecia quem instituisse prémios e organizasse provas, base de todo o movimento velocipedico — sucedeu que todas as fontes de energia, que podiam insuflar vida ao ciclismo, se extinguiram ou afrouxaram nos seus recursos, atrofiando-se desta forma as condições de existência do nosso ciclismo.

O mal deve ser passageiro, pois já por diversas vezes, com sintomas identicos ou diferentes, tem atacado a velocipedia. É susceptível de cura, portanto.

O momento é, todavia, mau para se tentar com a segurança a obra de resurgimento dêste belo desporto.

Tudo isto não nos desobriga de fazer o balanço de uma época pouco feliz e de assinalar o que de bom ou de mau teve a velocipedia neste ano de graça de 1943.

Continuaremos, mais de espaço.

GIL MOREIRA

XADREZ

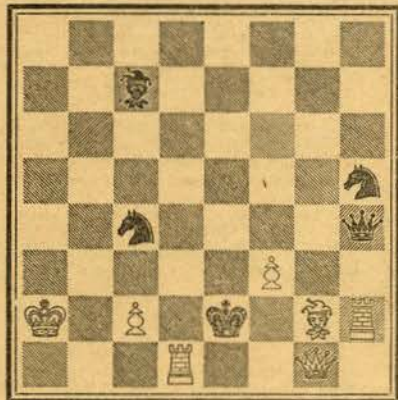
Direcção de Vasco C. Santos e J. Casimiro Vinagre

Toda a correspondência deve ser endereçada à nossa redacção com a referência «Xadrez»

PROBLEMA N.º 9

Revista Romena, 1935

G. Gosman



1.º prémio

Mate em 2 lances

Solução do Problema n.º 7 (inédito): 1. C-f2.

Êste desprezível «meredith» (vidé «Stadium» n.º 27 e 32) apresenta duas variantes principais, baseadas na auto-obstrução da casa d5, que intercepta simultaneamente o raio de acção da Td2: 1... Bd5; 2.Cxd7. 1... d7-d5; 2 Bxe7.

Solucionistas — Ernesto Sanchez, Alex ndre Saraiva, L. Ventura, Orlando Casimiro dos Santos, A. David, J. Lopes Correia, Alberto Mesquita, Manuel Henriques, drs. Joaquim Monteiro e G. Ribeiro, Fernando Alves Pires, João Baptista, Rui de Sousa Martins e Francisco Gomes, de Lisboa; Hans Schneider,

(Conclui no pág. 14)

NA 4.ª JORNADA



Em cima e ao lado: duas fases do jogo SALGUEIROS-ACADÊMICA — Um remate de Lemos, o excelente avançado dos estudantes, e o ataque dos «encarnados» actuando na grande área dos visitantes. (fotos Hermann)



ATLETICO-BELENENSES: Armando Jorge lança-se nos pés de Mário Coelho. Sem evitar por completo o remate, consegue, no entanto, desviar a bola para «canto».



HANDBALL — Começou a nova época com o "Torneio de Preparação". As gravuras mostram duas boas fases de jogo entre o Benfica e o Unidos, ganho pelos "encarnados"



← **TIRO AOS POMBOS** — Os vencedores das taças "Moura Bastos", "Atiradores do Norte" e "Extra", respectivamente, a contar da esquerda, Manuel Padeira Jr., Moura Bastos e J. Martins Branco



Ecos do «Concurso do «goal» da Vitória»

«STADIUM» ENTREGOU 1.554\$00 AO «DIÁRIO POPULAR»

para a «Casa dos Vendedores de Jornais»

Como se anunciou no nosso jantar de confraternização, o valor dos prémios não reclamados no «Concurso do goal da vitória», na importância de 1.554\$00, foi oferecido ao «Diário Popular», com destino à sua bela iniciativa da «Casa dos vendedores de jornais». O nosso director, acompanhado de J. Soares, administrador da «Stadium», Avelar Machado, chefe de redacção, e Rafael Barradas, nosso companheiro de trabalho, procedeu pessoalmente à entrega do donativo.



Os agradecimentos de Fernando Teixeira ao nosso director, em nome



Em agradável colóquio

FALANDO À STADIUM

VITOR GUILHAR, afirma:

— Tenho pelo F. C. Pôrto a maior dedicação!

FOMOS encontrar em pleno treino, no Campo da Constituição, o conhecido defesa internacional — o jogador mais discutido dos últimos tempos. Em sua volta fizeram-se os mais variados comentários e a sua atitude, dúbia para muitos, mas clara para os que estavam senhores do assunto, não foi mais do que o reflexo dos seus sentimentos de dedicação e amor clubista.

«Portista» 100 % — na frase tão vulgarmente usada — Guilhar, num dos intervalos do treino, confiou-nos as suas impressões e o seu desgosto pelo muito que se escreveu — e inventou — em volta do seu nome. No entanto, é evidente a sua satisfação por envregar, de novo, a camisola «azul-branca». Di-lo, exuberantemente, a maneira como acaricia o «jersey», como que a dar ao seu espírito a certeza de que é ele, e não outro, que o seu corpo de atleta enverga. Afirma-nos com satisfação:

— Tenho pelo F. C. Pôrto uma admiração que é o reflexo do orgulho que sinto quando defendo as suas cores no campo da luta.

— Mas estava disposto a trocar a sua equipa por outra mais garrida, não?

— Ninguém melhor do que você sabe o desgosto que eu sentia ao largar as cores que me fizeram campeão. Não podia estagnar, a não ser que quisesse abandonar o futebol de vez. Achava-me novo, ainda, para isso. E em face

do «mal entendido» que existia — consequência de afirmações mal pensadas ou pretenciosas — iria defender as cores de outro clube com a mesma verdade com que lutei por estas!

— Com a mesma fé? — inquirimos audaciosamente...

Guilhar pretende rodear a pergunta ao retorquir:

— Com a mesma honestidade, sim porque fé ou entusiasmo era coisa que eu não poderia dar, pelo menos para já. Cumpriria o meu dever de jogador, cujo passado tinha obrigação de defender — por via de um nome feito, dizem os jornalistas, à custa do meu sacrifício!

Não queremos abordar a sua ida para o Salgueiros Mas Guilhar antecipa-se-nos — ou não fosse ele defesa... — e diz-nos:

— O episódio da minha ida para o Salgueiros — porque é um episódio na minha vida de jogador de futebol — teve uma conclusão inesperada. Desde o primeiro momento que me senti deslocado. Ambiente diferente daquele a que estava acostumado... Bem sei que tive a rodear-me a afabilidade de alguns dos dirigentes, mas a verdade é que aquele campo... aquela camisola... — tudo «aquilo» não era do F. C. Pôrto!

«Por outro lado, a vontade de que eu envergasse a «camisola encarnada», no meu primeiro jogo, logo contra o meu antigo clube, veio dar-me a conhecer o muito que eu queria ao F. C. Pôrto. Era-me impossível ver aquelas «cores» lutar contra mim... Não o podia fazer!... Não quisemos interromper. O popular jogador continuou:

— Vieram, então, as primeiras diligências para que eu voltasse ao seio do clube. Acedi, porque era esse o meu sincero desejo. Foram dias horríveis, que passei debaixo de nervosismo atroz, até que o assunto ficasse devidamente arrumado.

— Felizmente tudo está resolvido...

— Sim, é certo... Mas não sem que muita e muita coisa se inventasse, com interesses que não compreendo. Mas seja como for; cá estou outra vez no F. C. Pôrto!

— Para nunca mais sair? — inquirimos, já na despedida.

— É esse o meu pensamento — e o meu mais veemente desejo!... — respondeu ao apertar-nos as mãos...

Jogou, precisamente, no dia do Pôrto-Salgueiros, sem relutância... de envergar a camisola encarnada. A interior-direito, cumpriu.

— Houve «alarme» arrepiante na falange do Boavista, com o jogo do campeonato nacional, no Bessa, com o Infesta. Mas a Providência encarregou-se de modificar «as coisas» — para o grupo do Boavista...

— Deu muita «branca» o cenário directivo, discutido num café da Baixa, entre duas individualidades do Salgueiros. Um dos «alveja-dos», muito amigo do clube da rua Manuel Laranjeira — Elias Lopes Rodrigues — afastou-se dos assuntos salgueiristas.

— Não tem consistência técnica o protesto do Tirsense. Havia, pelo menos, no campo, uma pessoa a controlar o trabalho do árbitro da comissão distrital — o secretário geral da Associação de Futebol do Pôrto. Nessa tarde, Aní-zio Morgado tinha melhor disposição para dirigir a partida...

— Um conselho técnico do Salgueiros, de três nomes: José Pereira, José de Almeida e Aníbal Jacinto. O «comandante» geral tem «pinta» para dar à equipa do Salgueiros a confiança necessária e impôr disciplina... A formação contra o Pôrto é já um bom prenúncio para o «trio»...

O PASSADO DIZ...

«**C**ADA cabeça, sua sentença» — diz um aforismo, e com toda a propriedade. Dificilmente se pode satisfazer tudo e todos, por mais que se queira, pois os descontentes são um mundo de incompreensão...

Recorda-nos, dos tempos da escola, a conhecida poesia, que tantas vezes lemos, intitulada o «O velho, o rapas e o burro». Nos seus versos pretendia o autor demonstrar a falta de lógica dos seres humanos, que tanto querem como não, para os quais todas as razões postas não correspondem... à razão dos outros!

Vem este comentário a propósito do muito que se disse a respeito do facto de o F. C. Pôrto não dispensar um jogador que foi seu, que transitou para outro clube — pelo qual não chegou a alinhar — e que regressou ao seio da colectividade a que pertencia.

Para muitos, era disparatada a determinação da gerência desse clube, pois servido como estava já na sua defesa por três elementos, poderia dispensar, sem grandes «aqueças», alguém que, por outro lado, era julgado indispensável por uma direcção de visão larga e com a experiência do passado.

Fomos dos que achámos justa a pretensão desses directivos, pelo facto de não nos ter esquecido a lição dos tempos.

O F. C. Pôrto passou, ainda há bem pouco tempo, transe afflictivo, quando Bela desapareceu e Valongo sofreu lesões graves. Ninguém poderia prever um facto dessa natureza. Mas deu-se, com todo o seu cortejo de arranjos de momento e de atropalhadas...

Havia, portanto, uma indicação. E a direcção do F. C. Pôrto, julgando pelo melhor critério, entendeu — e muito bem — que não seria erro poder dispor de duas parelhas de defesas, em vez de uma completa e... outra manca...

Mas o futuro haveria de dar, mais uma vez, razão aos que pensavam melhor. Estão à vista os resultados. Praticamente, o F. C. Pôrto tem agora dois defesas magoados, um deles de quarentena por longo tempo, na opinião clínica, e outro ainda em estágio forçado, até melhorar.

E aí está como rapidamente, num jogo particular, o F. C. Pôrto se viu reduzido de duas unidades com que contava para o seu grupo de honra, muito embora as restantes tenham valor para ocupar esse posto. Felizmente que desta vez os grupos de reserva não são obrigados a entrar no campeonato nacional da 2.ª divisão. Se se continuasse dentro das normas regulamentares da época finda, onde iria o F. C. Pôrto buscar elementos com proficiência e conhecimentos para suprir a falta dos dois jogadores?

As lições que os tempos dão aos homens são para que delas se tirem as ilacões precisas, para não se recair em erros cometidos.

Por certo que, neste momento, os que viam mal o reaparecimento de um jogador no grupo seu favorito, devem aperceber-se da razão que assistia a quem julgava melhor e com mais persistência.

Muitas vezes a nossa razão — não é a razão colectiva. Olhamos as coisas por certos prismas, crendo serem esses os mais acertados, e depois reconhecemos que assim não é...

E como o futuro só a Deus pertence, devemos acreditar, relativamente, naquilo que o passado diz...

MÁRIO AFONSO

Uma carta

De um nosso leitor portuense, o sr. José Lopes, recebemos uma extensa carta na qual apiaude entusiasticamente a campanha desenvolvida, nas nossas colunas, por Eduardo Soares, em prol do atletismo no Pôrto. Os nossos agradecimentos.

Bicicletas «FLECHA»

A GRANDE MARCA
DOS CAMPEÕES



VITORIA (S.)-
F. C. PORTO:
Uma jogada a
meio campo de in-
discutível beleza
(foto J. Manique)



BENFICA-VITORIA (G.): Machado entra decididamente em acção apesar
da carga do infatigável Teixeira *(foto C. Madeira)*



ATLÉTICO-BELENENSES: Uma defesa de Armando Jorge sobre remate